



NOTAS SOBRE A CRÍTICA DE ERNESTO LACLAU A ANTONIO NEGRI E A *PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES* DE GUSTAVE LE BON¹

Dr. Antônio José Pereira Filho
Departamento de Filosofia (UFS)

RESUMO: Tomando como ponto de partida a noção de “psicologia das multidões”, desenvolvida inicialmente por Gustave Le Bon (1841-1931), este trabalho procura refletir, num sentido amplo, sobre a dinâmica entre a política e as relações intersubjetivas, afetivas e imaginárias da vida coletiva. Além disso, buscamos estabelecer o confronto entre dois filósofos pós-marxistas contemporâneos, Antonio Negri e Ernesto Laclau, os quais, afastando-se da perspectiva de Le Bon, fazem leituras distintas das noções de povo, massa e multidão, propondo, cada qual a seu modo, estratégias diferentes de atuação política, sem desconsiderar a dinâmica dos afetos que estruturam a vida social e política na atual fase do capitalismo. Frente a estas perspectivas, pretendemos mostrar que o conceito de *multidão*, de Le Bon, bem como as técnicas de propaganda e manipulação de massa por ele indicada, é uma ferramenta útil para compreender os fenômenos políticos contemporâneos, como é o caso do neofascismo, que surge em meio à crise da democracia representativa.

PALAVRAS-CHAVE: Multidão. Psicologia do fascismo. Democracia. Le Bon. Negri. Laclau.

ABSTRACT: Taking as a starting point the notion of "psychology of the crowds", developed initially by Gustave Le Bon (1841-1931), this work seeks to reflect in a wide sense on the dynamics between politics and the intersubjective, affective and imaginary relations of collective life. In addition, we sought to establish the confrontation between two contemporary post-Marxist philosophers, Antonio Negri and Ernesto Laclau, who, departing from Le Bon's perspective, make different readings of the notions of people, mass, and multitude, each proposing its way, different strategies of political action, without disregarding the dynamics of the affections that structure social and political life in the current phase of capitalism. Compared to these perspectives, we intend to show that Le Bon's concept of the crowd, as well as the techniques of propaganda and mass manipulation indicated by it, is a useful tool for understanding contemporary political phenomena, such as neofascism, which arises in the midst of the crisis of representative democracy.

KEYWORDS: Crowd. Psychology of fascism. Democracy. Le Bon. Negri. Laclau.

¹ Com ligeiras modificações este trabalho foi apresentado no IV Colóquio Nacional de Ética e Filosofia Política da UFS em 23 de fevereiro de 2018.

Estas breves notas se inserem no contexto de um trabalho mais amplo que busca analisar a dinâmica entre a política e as relações intersubjetivas, afetivas e imaginárias da vida coletiva. De início, estudei essa articulação com ênfase na associação entre a política e o campo da aparência, ou seja, entre imaginação e poder, na obra de Maquiavel, Espinosa e Vico, entre os filósofos modernos (PEREIRA FILHO, 2015) e, atualmente, me ocupo da obra de Gustave Le Bon, Sigmund Freud, Wilhem Reich e Theodor Adorno, cujas idéias formam um arcabouço conceitual importante para auxiliar no diagnóstico das patologias sociais e dos fenômenos políticos contemporâneos, como o neofascismo, surgido em meio à crise da democracia representativa. Interessa-me, sobretudo, analisar os conceitos fundamentais da obra *Psicologia das multidões* (1895), de Gustave Le Bon, texto que, guardadas as diferenças, serve de base para muitas considerações que Freud desenvolveu em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1923) e que também repercute nas análises de Reich em seu famoso livro *Psicologia das massas do fascismo* (1939). O ponto em comum entre essas obras é que elas explicam a adesão das massas ao pensamento conservador e violento com base na dinâmica dos afetos e nunca exclusivamente em função de uma análise da conjuntura econômica, como propõe o marxismo clássico². Nesse sentido, parece-me importante, no contexto atual, apresentar o confronto entre dois filósofos pós-marxistas contemporâneos, Antonio Negri e Ernesto Laclau, que fazem leituras distintas das noções de povo, massa e multidão e que propõem estratégias diferentes de atuação política sem desconsiderar, cada qual ao seu modo, a dinâmica dos afetos que estruturam a vida social e política na

² Ao procurar compreender, por exemplo, a ascensão de Hitler ao poder, Reich mostra a insuficiência da teoria marxista na compreensão do fenômeno, bem como sua incapacidade de produzir efeitos práticos que revertessem a adesão ao fascismo, destacando, em suma, a raiz do problema com base na noção de *psicologia das massas*: “Deste modo, o ponto de vista da psicologia de massas desloca-se do campo metafísico das ‘ideias do *führer*’ para a realidade da vida social. Somente quando a estrutura de personalidade do *führer* corresponde às estruturas de amplos grupos, um ‘*führer*’ pode fazer história. E se ele tem um impacto permanente ou temporário sobre a história isso depende de o seu programa ir ao encontro do processo social progressivo ou lhe ser adverso. Por isso, é errado tentar explicar o êxito de Hitler apenas com base na demagogia do nacional socialismo, no ‘embotamento das massas’, no seu ‘engodo’ ou até com o conceito vago de ‘psicose nazi’, como o fizeram os comunistas e, mais tarde, outros políticos. *Pois o que interessa é compreender por que motivo as massas se mostraram receptivas ao engodo, ao embotamento ou a uma situação psicótica. Sem saber exatamente o que se passa nas massas, não é possível resolver o problema. Apontar para a função reacionária do movimento de Hitler não é suficiente. O êxito maciço do Partido Nacional-Socialista da Alemanha contradisse essa função reacionária. Milhões de pessoas apoiaram a sua própria opressão, o que representa uma contradição que só pode ser explicada de um ponto de vista de psicologia de massas, e não de um ponto de vista político ou econômico*”. (REICH, 1988, p.49. grifos meus)

atual fase do capitalismo. Há alguns trabalhos analíticos que procuram estabelecer o confronto mais direto entre as perspectivas teóricas de ambos os autores (RODRIGUEZ, 2015; CARVALHO, 2017) ou ainda trabalhos que fazem um recorte incisivo e pontual dos modelos teóricos e de atuação que cada um deles preconiza (CAVA, 2015). Minha perspectiva é mais modesta e não tenho a pretensão de apresentar, no detalhe, a crítica de Laclau à proposta de Negri, ou vice-versa, mas apenas indicar esse contraste, tratando, *en passant*, da crítica de Laclau à noção negriana de “multidão”, haja vista que minha intenção principal neste trabalho é rever alguns pontos básicos da *Psicologia das multidões* de Le Bon, livro que influenciou Hitler e Mussolini, sobretudo no que diz respeito aos rudimentos da propaganda fascista, e que constitui o ponto de partida da própria análise de Laclau, o qual procura restituir dignidade teórica ao conceito de populismo, despojando-o do teor pejorativo que identifica “o populismo” com a submissão à vontade abrangente e inquestionável de um líder. Frente a essa perspectiva, o populismo, ou melhor, o conceito de “povo”, tal como o entende Laclau, possui caráter eminentemente formal, definindo a própria essência do político como signo vazio, que pode assumir, no plano da contingência, uma tendência de direita ou de esquerda, seja com o recrudescimento autoritário, de um lado, seja com a alternativa hipotética de radicalização da democracia, de outro.³

*

³ É nesse sentido que, recentemente, Chantal Mouffe assevera: “Eu estou convencida de que a única maneira de lutar, de impedir o desenvolvimento do populismo de direita é desenvolver um populismo de esquerda. Os partidos tradicionais europeus, justamente porque estão tão ligados à manutenção da ordem estabelecida, não oferecem a possibilidade de canalizar um caminho democrático e progressista, que, para mim, consiste em expandir a democracia, porque isso implica uma ruptura com a ordem neoliberal. Não há meio de se evitar a crise se não se questionar o modelo neoliberal, e é evidentemente isso que faz o populismo de esquerda. Não devemos aceitar que se alguém quer defender a democracia contra o populismo de direita, que evidentemente tem tendências autoritárias, tem que defender o *status quo*” (MOUFFE, 2018). Há, todavia, quem questione essa alternativa, porém, sem recair na defesa do caráter formal das instituições liberais democráticas, que refletem relações de poder e servem à manutenção do *status quo*. Bruno Cava, por exemplo, denuncia as limitações do modelo de Laclau na sua busca de unidade das diferentes demandas populares, mostrando como seu engajamento “na experiência latino-americana dos governos ditos progressistas, de que a Venezuela chavista hoje configura o signo de seu total desmoronamento. Esse acoplamento teórico-político levou o autor [Laclaus] a valorizar ainda mais a dimensão nacional de construção dos governos, inclusive na forma de lideranças carismáticas, como Chávez, Evo ou Cristina, que pudessem encadear as equivalências segundo um projeto comum de poder” (CAVA, 2017). Ora, nos parece que é nessa dificuldade teórico-prática que, atualmente, a esquerda está metida, sem conseguir equacionar uma alternativa de poder frente ao avanço da direita.

Gustave Le Bon ao publicar sua *Psicologie de Foules*, em 1895, afirma que as nações civilizadas estariam atravessando um período decisivo de vida ou morte. Nessa perspectiva, Le Bon constrói uma filosofia da história que põe toda desgraça na conta das “multidões”.

A nação não é mais do que um punhado de indivíduos isolados e volta a ser o que foi no começo: uma multidão. Apresenta novamente todos os caracteres transitórios sem consistência e sem futuro. A civilização perde todo o caráter fixo e fica à mercê de todos os acasos. A plebe reina, e os bárbaros avançam. (...) Passar da barbárie à civilização perseguindo um sonho, declinar depois e morrer logo que esse sonho deixa de ter força, é este o ciclo da vida de um povo (LE BON, 1980, p.106).

Será que por trás dessa retórica pessimista e conservadora, o conceito de multidão, tal como o compreende Gustave Le Bon, pode nos ajudar a entender alguns fenômenos políticos recentes como a adesão das camadas populares da sociedade ao discurso conservador e de tendência fascista? Para responder a essa questão é preciso compreender o que Le Bon entende por “psicologia das multidões” e quais suas características fundamentais.

O termo “multidão” (ou “multidões”) é polissêmico, percorreu um longo caminho, e ora é visto como sinônimo de força instauradora do novo, que rompe com as formas cristalizadas do poder constituído, ora é visto como sinônimo da plebe irracional, iconoclasta e bárbara. Hobbes, por exemplo, faz uma nítida diferença entre o conceito de povo e o conceito de multidão, uma vez que apenas o conceito de povo abarca a possibilidade de representação política através da figura do soberano. O povo marca a gênese do Estado e, em termos hobbesianos, de indivíduos que aceitam transferir seu poder ou *liberdade natural* para que, através de um contrato, o soberano conduza o corpo político, estabelecendo a ordem jurídica, substituindo a liberdade natural de cada indivíduo pela liberdade civil, evitando assim “a guerra de todos contra todos” e dando forma a uma vontade *una*. Nestas condições, o afeto do medo predomina antes e depois da instauração do estado de direito, antes, com o medo da morte violenta pelo inimigo, depois pelo braço armado da justiça que paira sobre a cabeça dos cidadãos

que convivem em paz graças a uma unidade forçada, ou seja, numa modalidade passiva de obediência caracterizada pelo temor à punição⁴.

Mas há um outro sentido do termo “multidão”. Numa perspectiva que atualiza o conceito a partir de certa interpretação de Espinosa, Antonio Negri, além de enfatizar a diferença entre multidão e povo (*populus*), indica que a multidão é uma força imanente que não adere a uma forma de representação, ao contrário da noção de povo que possui na esfera política seus representantes; do mesmo modo, a noção de multidão, segundo Negri, não deve ser confundida com “massa” ou “plebe”. Diz Negri:

Se por um lado opusermos multidão a povo, devemos também contrastá-la com as massas e a plebe. Massas e plebe são palavras que têm sido freqüentemente empregadas para nomear uma força social irracional e passiva, violenta e perigosa que, justamente por isto, é facilmente manipulável. Ao contrário, a multidão constitui um ator social ativo, uma multiplicidade que age. Diferentemente de povo, a multidão não é uma unidade, mas, em contraste com as massas e a plebe, podemos vê-la como algo organizado. Trata-se, na verdade, de um ator ativo da auto-organização. Uma das grandes vantagens do conceito de multidão é assim o de neutralizar o conjunto de argumentos modernos assentados sobre a premissa do "temor às massas" ou sobre a "tirania da maioria", argumentos freqüentemente utilizados como uma forma de chantagem para nos forçar a aceitar (e até mesmo reclamar) nossa própria servidão (NEGRI, 2009, p. 18).

É certo que durante as últimas décadas o conceito de multidão exposto por Negri serviu de base para explicar os fenômenos de revolta antiglobalização e muitos viram esse conceito como pertinente para pensar as mobilizações populares ao redor do mundo e, sobretudo, as que ocorreram entre Junho de 2013 e Março de 2015 no Brasil⁵. É importante frisar, todavia, que Negri recebeu inúmeras críticas (e aqui não

⁴ Para uma breve caracterização desse aspecto em Hobbes, cf. VIRNO, P. *Grammatica della moltitudine: per una analisi delle forme di vita contemporanee*, Rubettino Editore, Calabria, 2001, p. 6 e ss. Sobre a função do afeto do medo no sistema político hobbesiano, Cf. STERN, A.M *A Imaginação no Poder - Obediência política e servidão em Espinosa*. (tese de Doutorado), PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2013, p.73 e ss.

⁵ Como pondera Rezende (2015) “Mal haviam começado as mobilizações de mais alta intensidade do presente ciclo e alguns dos seguidores de Antonio Negri já se adiantavam na afirmação de que a multidão ocupara as praças e ruas. No entanto, será que foi bem assim? A nosso ver trata-se uma avaliação extremamente precoce” (REZENDE, 2015). Evidentemente, não nos cabe aqui uma análise exaustiva deste intrincado fenômeno; mas, numa avaliação retrospectiva, que recobre as manifestações de junho de 2013, passando pelas manifestações que culminariam no processo de destituição da presidente, no ano seguinte, até chegar no quadro político atual, que resultou na derrota da esquerda nas eleições

nos cabe afirmar até que ponto tais críticas são justas ou injustas). A principal acusação deve-se ao caráter abstrato, poético ou mistificador de sua noção de multidão. É certo que Negri e Hardt, vêem o poder constituinte da multidão como força atuante contra a nova forma de soberania global forjada na atual fase do capitalismo, mas, uma vez que os autores de *Império* suspeitam da noção de representação política, já que “as formas operacionais predominantes de representação hoje em dia, especialmente os arranjos eleitorais correntes, são extremamente limitadas” (NEGRI e HARDT, 2006, p.97)⁶, a teoria parece deixar algumas questões sem resposta quando passamos para o plano da efetividade. Por exemplo: de que maneira a multidão constituirá a si mesma como ator político? Uma vez que a multidão se caracteriza pela multiplicidade e pela espontaneidade que é restringida pelos mecanismos de representação, não se adequando a esta forma de atuação política, como pensar a unidade da luta política da multidão? Ora, as diferentes lutas políticas e os diversos movimentos e suas múltiplas reivindicações, para Negri e Hardt, seriam de fato verticalmente separados e isso não seria algo ruim; ao contrário, se pensarmos em termos das atuais formas concretas de resistência, será que estas teriam mais efetividade e seriam mais eficazes se estivessem unificadas? O poder de algumas delas não está diretamente ligado à diversidade interna e suas expressões de liberdade? (NEGRI e HARDT, 2006, p. 97). Nesse sentido, argumentam os autores, “aquilo que o conceito de multidão indica (e vemos isso emergir em movimentos por toda a parte) é uma organização social definida pela

majoritárias, em 2018, o que se viu ao longo desse processo foi o recrudescimento do conservadorismo que ora se anunciava na forma amena de um genérico “antipetismo”, ora se pronunciava de forma brutal em comportamentos violentos e intolerantes pelas ruas do país. Como afirma Rezende, para Negri, “a multidão é composta de singularidades irreduzíveis (...), o poder constituinte que emana da multidão é necessariamente uma potência democrática, o que nada se adequa à emergência de discursos conservadores. Mesmo aceitando que o conceito de multidão não é exatamente o mais adequado para decifrar o enigma sobre quem saiu às ruas nos últimos três anos, assumimos que muitas das propostas de Negri são de grande valia para problematizar as causas e consequências desse ciclo de mobilização social” (REZENDE, 2015). Nesse sentido, dado o reconhecimento de que a multidão negriana não foi o ator que ocupou as ruas nos últimos anos, Rezende retoma os conceitos basilares de Laclau, para avançar na hipótese de que se, inicialmente, houve uma multiplicidade de posições discursivas, uma flutuação de demandas democráticas, posteriormente, o antipetismo foi sendo construído e cristalizou-se como uma espécie de significante vazio “que pretende consolidar equivalências e ser a base de uma lógica populista de direita” (REZENDE, 2015). Cf. Rezende R. *Entre o povo e a multidão: uma análise das lutas contemporâneas*. In. Anais do Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social (2015). Pelotas: UFPEL, 2015. Disponível: <http://wp.ufpel.edu.br/legadolaclau/files/2015/07/Artigo-GT3-REZENDE-Rafael.pdf>

⁶ Cf. *O que é a Multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri*. Entrevista concedida a Nicholas Brown e Imre Szeman In: *Novos Estudos*, CEBRAP, n.75, São Paulo, julho, 2006.

capacidade de agir em conjunto sem qualquer unificação” (NEGRI e HARDT, 2006, p. 97).

Ora, um dos pontos da crítica de Laclau incide justamente aí, pois, para Laclau, o único princípio que garante a unidade da multidão, exposta por Hardt e Negri, é o que os autores denominam “ser contra”. Trata-se “de ser contra tudo e em todos os lugares” e, “como lutas verticalmente separadas não precisam ser ligadas horizontalmente, toda construção política desaparece” (LACLAU, 2013, p.340), e assim, assevera Laclau:

Não podemos evitar nosso espanto com a superficialidade de toda a análise de Negri. Mais importante do que assinalar suas debilidades óbvias é desvendar suas fontes, pois elas não contêm simplesmente erros, mas são o resultado de maneiras equivocadas de abordar questões reais e importantes. Tratemos primeiramente da categoria “ser contra”. Tomada literalmente não faz o menor sentido: as pessoas não estão contra tudo e contra todos em todos os lugares (LACLAU, 2013, p. 340).

De modo bastante resumido, podemos dizer que Laclau confere um peso ao instituído e acredita ser preciso fazer política movendo as instituições na direção das demandas populares. O que ele propõe, grosso modo, é a necessidade de se transformar as instituições internamente e, além disso, Laclau reconhece a heterogeneidade na base da ação política, e nisso coincide com Negri; contudo, o pensador nos mostra como se articula a convergência coletiva a partir de uma “lógica de equivalências”, que preservaria a unidade na diversidade, e justamente esse centro agregador de demandas, projetado na unidade de um significante vazio, é o que Laclau chama de “povo”.

Laclau reconhece que a democracia, enquanto forma simbólica, deve ser vista como *locus* vazio ou indeterminado do poder, como já havia notado Claude Lefort, o que, neste aspecto, coincide com a defesa da tradição democrática liberal, mas, além disso, como observa Chantal Mouffe, a democracia moderna também é um marco simbólico que se liga à tradição que defende a igualdade, a identidade entre governantes e governados e a soberania popular (LACLAU, 2013, p. 243). Neste aspecto, Mouffe amplia o conceito de democracia para além do formalismo racionalista (Habermas, por exemplo), buscando mostrar que a democracia está atrelada ao plano dos afetos e à constituição dos sujeitos que atuam politicamente segundo um modo de vida concreto e que buscam assegurar a lealdade aos valores democráticos, como é o caso da igualdade,

sem que isso implique na vacuidade do sonho de consenso racional, pois o que está em jogo é *a constituição de um povo democrático*, não apenas a defesa de uma *forma de governo*, ou seja, o que está em jogo é a formação de um povo que saiba articular suas demandas na busca de unidade, e que não despreza as diferenças, mas as funda sobre um solo de afetos comuns ou homogêneos, e essa capacidade de articulação *populista* seria a própria essência do político, na perspectiva de Laclau.

Quanto a Negri, talvez seja um exagero a afirmação de Laclau segundo a qual, na perspectiva negriana, “toda construção política desaparece” (LACLAU, 2013, p.340). Pensemos, por exemplo, na própria noção de representação política que, para muitos, é algo obsoleto, sobretudo se pensarmos a democracia como prática de escolha de representantes “do povo”, os quais, uma vez eleitos, pensam apenas no próprio umbigo. Lembremos, todavia, para sermos justos com Negri, que ele de modo alguma recusa totalmente a noção de representação. Nas palavras de Negri e Hardt:

Mas isso não deve nos levar a buscar a abolição imediata de todas as formas de representação, ou até, em termos práticos, exigir que os esquemas representativos existentes estejam inteiramente de acordo com suas promessas. Somente poderíamos caminhar para além da representação, se isso for um projeto factível, ao fazer pressão nas formas existentes e experimentando novas formas de representação (NEGRI e HARDT, p. 2006, p.97).

*

Isto posto, passemos agora de modo mais direto à análise da categoria de multidão na obra de Le Bon, como havia anunciado mais acima, pois isso pode nos ajudar a tornar mais nítida as diferenças em relação à posição de Negri e pode nos auxiliar a entender como funciona ou se articula o neofascismo em meio a crise da democracia representativa na contemporaneidade. Como se nota pela passagem abaixo, aqui estamos distantes tanto da *multidão* de Negri, quanto do *povo* de Laclau.

Nas multidões, o imbecil, o ignorante e o invejoso, libertam-se do sentimento da sua nulidade e da sua impotência, que é substituído pela consciência de uma força brutal, passageira, mas imensa. Só pelo fato de pertencer a uma multidão, o homem desce vários graus na escalada civilização. Isolado seria talvez um indivíduo culto; em multidão é um ser instintivo, por consequência, um bárbaro. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos e a eles se assemelha ainda pela facilidade com que se

deixa impressionar pelas palavras e pelas imagens e se deixa arrastar a atos contrários aos seus interesses mais elementares (LE BON, 1980, p.25).

Estamos diante de conceitos distintos que em princípio correspondem a duas tendências políticas contrárias entre si. De um lado, teríamos a valorização da multiplicidade, da diferença, como quer Negri, ou da busca do discurso da unidade hegemônica, como deseja Laclau, sendo que ambos ambicionam práticas democráticas radicais; de outro lado, temos o desejo de exclusão do ponto de vista do outro, já que na multidão leboniana as diferenças individuais não contam, sendo fundamental, nesta perspectiva, como notaram Hitler e Mussolini, que a multidão seja orientada para um mesmo centro de irradiação do poder através do lugar simbólico ocupado por um líder numa visada totalitária e intolerante⁷.

Ora, aqui cabe perguntar: por mais que a multidão negriana seja simpática e agradável aos ouvidos de certa esquerda rizomática e em devir e que, desse modo, se posiciona contra tudo que esta aí, no dizer de Laclau, será ela o instrumento mais adequado para refletir sobre o que se passa em nosso ambiente político atual, sobretudo quando pensamos nos que se encontram do outro lado do abismo? Será que talvez a revelia das intenções do seu autor, o conceito de multidão de Lebon, que inaugura a psicologia das massas, é hoje uma ferramenta útil na compreensão do fenômeno

⁷ Para uma reconstrução da obra de Le Bon Cf. MOSCOVICI. S. *L'âges des foules: Un traité historique de psychologie de masses*. Les Éditions Complexe, Bruxelles: 1985, 503 pp. No que diz respeito à interpretação que Ernesto Laclau faz da *Psicologia das Multidões* de Le Bon em seu livro *Razão Populista* (2013), é interessante observar que, segundo Laclau, o ponto de partida de Le Bon é limitado, simplista e enviesado, uma vez que Le Bon encara a multidão como uma massa irracional ou patológica, ou seja, não reconhece a dinâmica de formas mais racionais de organização social. Para Laclau, a psicologia das massas, inaugurada por Le Bon, tocou em alguns aspectos importantes e fundamentais na construção das identidades sociais e políticas, tais como a relação entre imagens e palavras, a predominância do emotivo sobre o racional, o sentimento de onipotência, a sugestibilidade, a identificação com o líder, etc; contudo, pergunta-se Laclau, “por que os psicólogos das massas acabaram fracassando? Não é difícil entender o motivo: devido ao seu viés ideológico e antipopular; por que eles enquadravam seus discursos em dicotomias ortodoxas e estereis – o indivíduo/ a multidão; o racional/ o irracional; o normal/o patológico. Basta, entretanto, introduzir alguma *souplesse* nestas rígidas oposições para deixar que cada um dos seus pólos contamine parcialmente o outro, e assim emergirá um quadro muito diferente” (LACLAU, 2013, p. 81). Pode-se dizer, portanto, que o próprio trabalho de Laclau, como já sugere o título de sua obra principal (“*a razão populista*”) é, em grande medida, um esforço de incorporar as conquistas teóricas da psicologia das massas para fundar uma teoria política abrangente, ou seja, que não relegasse essas idéias fundamentais à esfera do bárbaro e do irracional (LACLAU, 2013, p. 81). É preciso dizer, porém, que se é verdade que podemos falar em um fracasso teórico caso comparemos a obra de Le Bon com a de Freud, por exemplo, que de fato é muito mais complexa, não podemos dizer que seu projeto de orientação política, atrelado à manipulação das massas, não tenha sido bem sucedido, como mostra o êxito da propaganda fascista, como bem viu Theodor Adorno (2015). Nesse sentido, temos que indagar não as razões do seu fracasso, mas do seu êxito.

neofascista que antes batia violentamente à porta e que agora ocupa os cômodos da casa?

Vejamos.

A psicologia das multidões que logo se tornaria um *best seller* foi publicada numa época que ainda trazia as marcas profundas deixadas pela comuna de Paris, de 1871, que resultou na derrota do movimento operário francês, mas que despertou o papel da resignificação das lutas sociais, do lado da esquerda, e a vigilância das elites quanto à ameaça comunista, do lado da direita. Le Bon vivia um momento histórico decisivo, seja pelos novos campos científicos que se abriam, seja pelo renascimento do movimento operário. É a partir desse duplo aspecto que devemos ler o surgimento de sua proposta de fundar um novo ramo de conhecimento por meio do qual ele pretende explicar as transformações sociais com base na ideia de uma psicologia social. Ou seja: o foco de Le Bon não está nem no estudo das causas econômicas, como propõe o marxismo, nem no estudo dos valores e instituições sociais da sociologia weberiana. Para Le Bon, deve-se diferenciar as causas aparentes das transformações sociais das causas verdadeiras ou reais desse processo, e tais causas se ligam à “transformação profunda nas ideias dos povos” (LE BON, 1980, p.4). As verdadeiras alterações históricas não são as que nos espantam pela grandeza e violência, diz Le Bon,

as únicas transformações decisivas, as que conduzem à renovação das civilizações, efetuam-se nas opiniões, nas concepções e nas crenças [ou seja: na sua psicologia]. Os acontecimentos relevantes, neste caso, não são os efeitos visíveis imediatos, mas as transformações invisíveis que crescem silenciosamente nos sentimentos dos homens antes de explodirem numa revolução (LE BON, 1980, p.04).

Le Bon sabe que o que caracteriza sua época é a incerteza e a abertura para o futuro e, uma vez que a política se desenrola no campo do provável e do possível, seu tempo, assim como o nosso, é o tempo em que a terrível deusa Fortuna volta a circular. Contudo, uma coisa é certa, para Le Bon: “o protagonismo das multidões”. Daí que, segundo ele, “não é fácil dizer-se hoje o que poderá um dia sair deste período necessariamente um tanto caótico. Em que ideias fundamentais se vão basear as sociedades que sucederão à nossa?”, hoje, continua Le Bon, “a voz das multidões tornou-se preponderante. Por isso, é vão voltar as costas para as multidões” (LEBON,

1980, p.4). Isso quer dizer: o importante é aprender a conduzi-las, orientá-las e, portanto, manipulá-las.

Muito embora o livro de Le Bon possa soar pretensioso e excessivamente retórico no seu objetivo de catequização das massas, seu autor acredita ter obtido, através de análises e exemplos de certos fenômenos, a cura ou remédio para impedir “o mal representado pelas multidões”, inoculando-a com seu próprio veneno. Le Bon parte da idéia de que é preciso fazer um diagnóstico preciso, conhecer o funcionamento das multidões, dissecá-las, revelar suas características estruturais básicas e extrair daí princípios orientadores para ação. O psicólogo social acredita estar revestido da missão de orientação política, assumindo a posição de entregar, mais que uma ciência descritiva, uma nova arma de combate que, se bem manejada, pode ser decisiva. Não causa espanto, portanto, que Le Bon veja a si mesmo como um educador das elites e uma espécie de “Maquiavel das sociedades de massas”. Seu propósito é reescrever sobre novas bases os preceitos que Maquiavel teria designado aos príncipes. Segundo Le Bon, “a maioria das regras relativas à arte de conduzir os homens ensinadas por Maquiavel tornaram-se há muito tempo inúteis, no entanto, passaram-se já quatro séculos sobre as cinzas desse grande defunto sem que ninguém tenha tentado refazer sua obra” (LE BON. Apud: MOSCOVICI, 1985, p. 85). Aqui importa menos saber se sua leitura do pragmatismo político de Maquiavel é coerente, ou não passa de um mero arremedo, mas é curioso que essa ambição pragmática de Le Bon não tenha sido notada por diversos de seus críticos acadêmicos, muito embora seu recado tenha chegado a figuras como Hitler e Mussolini, que o leram, plagiaram, aplicaram e notaram a eficiência dos seus preceitos. Mussolini, por exemplo, diz com todas as letras:

Li toda sua obra imensa e profunda. Sua *Psicología das multidões* e sua *Psicología dos tempos novos*, assim como seu *Tratado de psicología política* são obras as quais me refiro com freqüência. Inspirei-me nos princípios contidos nesses livros para edificar o regime atual da Itália (MUSSOLINI, Apud: MOSCOVICI, 1985, p. 85).

Le Bon não se limita a fazer uma fenomenologia descritiva das massas, nem assume a posição do investigador positivista desinteressado; ao contrário, ele rasga o véu do objetivismo cientificista, para tomar partido diante de um problema histórico-social muito concreto. Com efeito, para Le Bon, o avanço das massas (ou multidões) é

uma ameaça que deve ser enfrentada, seja de um ponto de vista teórico, estudando um fenômeno ainda pouco conhecido, seja de um ponto de vista prático, fornecendo as armas para que os condutores das massas possam guiá-las conforme seus interesses. Seria, portanto, um equívoco apenas denunciar o conservadorismo, o elitismo e a inegável tendência racista da obra de Le Bon, tomando seu projeto de psicologia social como uma pseudociência, pois corremos o risco de não levar a sério algumas de suas intuições certas, reduzindo sua importância ou tratando o autor pelo viés meramente ideológico, qualificando-o como um proto-fascista. O ponto chave aqui não é saber se ele é ou não um proto-fascista ou um defensor excêntrico de causas antidemocráticas contra o avanço da massa operária, mas sim o fato de que a elite fascista incorporou e pôs em prática com sucesso suas lições e, apesar de ter deixado sua ciência num estado embrionário, que Freud depois desenvolveria, seus frutos amargos foram colhidos, quer queiramos ou não. O que Le Bon acredita ter descoberto é uma espécie de “lei de funcionamento das multidões” e, uma vez que esse mecanismo é entendido, e suas características básicas são reveladas, pode-se atuar com eficácia nesse âmbito.

Mas o que caracteriza propriamente as multidões, segundo Le Bon?

Em primeiro lugar, Le Bon mostra que a multidão se desdobra num plano de virtualidade e afetividade, portanto, nada tem a ver com um número de pessoas reunidos por acaso num espaço (como num desfile de bloco carnavalesco). Não é essa exterioridade numérica que define uma multidão organizada. O fato de muitos indivíduos se encontrarem ocasionalmente lado a lado numa sala de aula não lhes confere as características de uma multidão. O que define uma multidão é a tendência de seus membros numa mesma direção (o chamado efeito comportamental de manada) e isto implica, a seu ver, no desaparecimento da personalidade consciente e o domínio da personalidade inconsciente. Diz Le Bon:

Milhares de indivíduos separados podem, em dado momento, sob a influência de certas emoções violentas, por exemplo de um grande acontecimento nacional, adquirir os caracteres de uma multidão psicológica. Bastará que um acaso qualquer os reúna, para que a sua conduta adquira imediatamente as características especiais dos atos das multidões. Por outro lado, um povo inteiro, sem que haja aglomeração visível, pode por vezes, em consequência de determinada influência, tornar-se uma multidão (LE BON, 1980, p. 11)

A multidão se encontra muitas vezes em estado latente e, de forma sutil, invisível, os impulsos violentos que estavam adormecidos nos indivíduos isolados podem ser pouco a pouco despertados e amalgamados a partir de um centro de gravidade. O cerne para moldar a multidão estaria em entender o papel dos afetos que estruturam o imaginário coletivo e as características básicas de como eles operam e podem ser potencializados a partir de três aspectos fundamentais: 1) o sentimento de poder invencível do indivíduo na multidão, o que lhe permite ceder a instintos aos quais, se agisse isoladamente, teria reprimido⁸; 2) o contágio mental, pois numa multidão, todos os sentimentos e todos os atos se conjugam e se contaminam, levando à formação de um conjunto de indivíduos que sacrificam o seu interesse pessoal em prol do interesse coletivo e, finalmente, 3) o poder de sugestão, poder este que está na base do fenômeno da hipnose coletiva.

A partir desses três aspectos Le Bon apresenta uma rica análise dos impulsos violentos que caracterizam e estruturam as massas e investiga como um líder carismático e com prestígio, seja no púlpito de uma igreja, numa tribuna, seja no âmbito das reuniões populares, com as armas da propaganda e o apelo de imagens e palavras que reforçam os vínculos emocionais, é capaz de dirigir hipnoticamente os afetos coletivos para um determinado propósito, o que seria impossível no caso da condução de indivíduos isolados.

Em casos como estes, o ponto de partida da sugestão é sempre a ilusão criada num indivíduo por reminiscência mais ou menos vagas e, em seguida, o contágio por meio da afirmação da primitiva ilusão (...). Esta ideia evocada torna-se então o núcleo de uma espécie de cristalização que invade o domínio do entendimento e paralisa toda a capacidade crítica. (LE BON, 1989, p. 47)

Tomemos o caso famoso da estudante Geysa Arruda que, na década passada, usou um vestido curto na faculdade, transgredindo um padrão de comportamento e, por

⁸Para Lebon, o anonimato que caracteriza a multidão também reforça esse aspecto e amplia o sentimento de irresponsabilidade e cegueira quanto às conseqüências dos atos praticados. Assim, quanto mais anônimo mais completamente desaparece o sentimento de responsabilidade e o indivíduo tende a agir da forma cruel em relação aos adversários e oponentes, pois ao agir em grupo ele se sente amparado por aqueles que compartilham do mesmo sentimento de ódio em relação ao outro, ou seja, em relação aquele que não pertence ao seu grupo específico. Em *A psicologia de massa e análise do eu*, Freud mostra que o ódio contra uma determinada pessoa ou instituição também pode ser fator de unidade interna do grupo, cujos membros estão ligados através da ordem afetiva e libidinal que os atravessa. Quanto a essa lógica *in-group/out-group*, ver Adorno (2015, p. 170 e ss)

isso, foi chamada de puta e agredida com gritos bestiais por uma multidão ensandecida que quase a linchou. Menos sorte teve a senhora do Guarujá que, em 2014, foi morta a pauladas por ser confundida com o retrato falado de uma “bruxa” divulgado na internet que, supostamente, seqüestrava e sacrificava crianças. Tomemos também o caso da jovem senhora que, obcecada pelo aspecto demoníaco da cor vermelha, invadiu, junto com uma multidão furiosa, a câmara dos deputados, a fim de protestar contra “o governo comunista do PT”, confundindo a bandeira do Japão com uma improvável bandeira do Brasil. Em todos esses exemplos, nota-se o importante mecanismo do contágio descrito por Le Bon, que mostra que os meios mais eficazes para fazer brotar sentimentos fortes na multidão é o uso de palavras e gestos extremos que sugerem ideias simples e que, ao mesmo tempo, causem forte impressão, pois o indivíduo no interior da multidão, jamais inspeciona ou pondera as informações recebidas, sobretudo quando a multidão se fixa numa construção imagética, na qual o outro surge como inimigo ou como o adversário a ser eliminado. A multidão, neste caso, não se apóia em fatos e conceitos. Seus juízos são moldados com base numa realidade distorcida. É o ódio, o medo, a violência, enfim tudo aquilo que Espinosa chama de paixões tristes que formam a unidade psicológica da multidão e nunca o argumento racional. Daí que seja tão difícil conversar racionalmente com um fascista ou usar de argumentos a fim de demovê-lo de sua cegueira ideológica. Como diz Le Bon, “as multidões vão direto para os extremos. A suspeita enunciada logo se transforma em evidência indiscutível. Uma ponta de antipatia ou desaprovação que, no indivíduo isolado, permaneceria pouco acentuada, logo se torna um ódio feroz no indivíduo em multidão” (LE BON, 2008, p. 52). Assim, por só absorver palavras de ordem e imagens fixas, a multidão constrói seus mitos fundados na intolerância e no desejo de destruição do outro, ou seja, “sem qualquer dúvida sobre o que acredita ser verdadeiro ou falso e possuindo, por outro lado, a clara noção de sua força, a multidão é tão autoritária quanto intolerante. O indivíduo pode aceitar a contradição e a discussão, a multidão nunca as suporta” (LE BON, 2008, p. 54).

Cabe, portanto, destacar a importância fundamental de se operar com a faculdade da imaginação na constituição da psicologia das multidões, com ênfase na técnica de repetição incisiva que fixa imagens no inconsciente. Sobre esse aspecto, Le

Bon nota que o fator crucial para quem deseja orientar a multidão é apelar o mínimo possível para a faculdade do entendimento, pois aqui não se trata de argumentar, mas de impressionar através de palavras que se ligam a sentimentos compartilhados e dão forma a uma tradição. Assim, a técnica da *repetição* é um fator imprescindível para condução das multidões, como indica a seguinte passagem, que, embora longa, merece ser lida na íntegra.

Todavia, a afirmação só adquire verdadeira influência se for constantemente repetida e, o mais possível, nos mesmos termos. Napoleão dizia que só existe uma figura séria de retórica: a repetição. Aquilo que se afirma acaba, mediante a repetição, por penetrar nos espíritos e ser aceita como uma verdade demonstrada. Compreender-se-á claramente a influência da repetição sobre as multidões se observarmos o poder que ela exerce sobre os espíritos mais esclarecidos. Efetivamente, a afirmação repetida acaba sempre por se gravar nas regiões profundas do inconsciente onde se geram os motivos das nossas ações. Ao fim de algum tempo, esquecido já o autor dela, acabamos por lhe dar total credibilidade. Assim se explica a força espantosa da publicidade. Depois de lermos ou ouvirmos cem vezes que o melhor chocolate é o chocolate da marca X, imaginamos que isso nos foi demonstrado frequentemente e acabamos por estar convencidos de que isso é verdade. À força de vermos repetida num jornal a afirmação de que A é um patife e B um homem honesto, acabamos por ficar convencidos disso, a menos que, bem entendido, não tenhamos lido já muitas vezes noutro jornal a opinião contrária. Só a afirmação repetida tem poder bastante para combater outra afirmação repetida. Sempre que uma afirmação é suficientemente repetida com unanimidade (isto é, sem que haja a repetição da afirmação contrária), como acontece com certas empresas financeiras que podem comprar todos os meios de comunicação, forma-se aquilo a que se chama uma “corrente de opinião”. É nessa altura que intervém o poderoso mecanismo do contágio. As ideias, os sentimentos, as emoções ou as crenças possuem, entre as multidões, um poder contagioso tão forte como o dos micróbios. É um fenómeno que se observa até nos animais logo que eles se reúnem em multidão. A mania de um cavalo numa estrebaria é imediatamente imitada por todos os outros cavalos da mesma estrebaria. Um gesto de terror, um movimento de desorientação de algumas ovelhas é logo propagado a todo o rebanho. O contágio das emoções explica a rapidez dos pânicos. (LE BON, 1980, p.117)

Um líder carismático, nesse sentido, pode ser visto como um tosco “psicólogo da multidão” que, munido de tecnologia midiática, tem a capacidade de atraí-la e impressioná-la com imagens, reiterando seus *slogans*, silenciando o espírito crítico e amalgamando a massa numa única direção. Para Le Bon, “é principalmente ao indivíduo em multidão que se dirige a exortação dos sentimentos de glória, de honra, de

religião e de pátria” (LE BON, 1980, p. 29). Ora, esses princípios elementares descobertos por Le Bon foram rapidamente incorporados por Hitler e Goebles, mas se pode observar a eficácia deles em nossos dias com a proliferação de *fake news*, que visam atingir a emoção das pessoas, criando uma realidade paralela com as armas da propaganda, de modo que a pátria, a religião e os valores tradicionais não são apenas exaltados, mas devem aparecer sob a ameaça de um inimigo a ser combatido. Em *Minha Luta*, Hitler observa que a propaganda política não se deve dirigir às classes intelectualizadas, mas “às classes menos educadas”. A propaganda deve ser popular e “seu nível intelectual deve ser adequado à capacidade receptiva dos mais humildes”. Além disso, na propaganda fascista, não se deve buscar a verdade objetivamente, na medida em que ela pode ser favorável igualmente aos outros, expondo-a imparcialmente ao alcance das massas. A regra é forjar um inimigo “e servir sempre e exclusivamente de sua própria verdade”⁹. Nesse sentido, embora admita as insuficiências das análises de Le Bon, que é atravessada por preconceitos dirigidos contra a turba socialista, Adorno e Horkheimer observam que “após as experiências das últimas décadas, é necessário admitir que, pelo menos superficialmente, a tese de Le Bon parece ter sido confirmada de forma surpreendente, mesmo sob as condições da moderna civilização técnica, em que se pensava que era possível ter massas humanas ilustradas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1969, p.79). Não há como negar que isso é verdade ainda mais atualmente, quando os mecanismos de manipulação de comportamento de massa se tornaram mais sofisticados. As idéias de Le Bon, urdidas bem antes do desenvolvimento dos meios técnicos que alimentam a multidão como disparos de mensagens de robôs, perfis *fakes* e milícias virtuais, indicam a eficácia da manipulação nesses tempos de mídia digital, com o agravante de que, atualmente, a informação vem cada vez mais fracionada, sendo bombardeada numa velocidade estonteante, inconcebível há alguns anos atrás, o que impede a ponderação e a reflexão¹⁰. Devido à rapidez com que são

⁹ Sobre a propaganda fascista e seus métodos ver: DOMENACH, Jean-Marie. A propaganda política. Tradução de Ciro T. Pádua. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1955. Também disponível em: http://cultvox.locaweb.com.br/livros_gratis/apropagandapolitica.pdf. Acesso em: 30 mar. 2001. Ver também Adorno (2015) e Arendt (2009).

¹⁰ Sobre esse aspecto vale apenas consultar o trabalho pioneiro do professor de ciência da computação da UFMG, Fabrício Benevenuto, que tem estudado e desenvolvido programas sobre o impacto das novas mídias, alertando para os riscos à democracia com a difusão das *fake news* nos meios digitais. Há uma série de links sobre esse trabalho. Ver por exemplo: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/575772-a-democracia-em-xeque-mate-frente-as-fake-news-entrevista-especial-com-fabricio-benevenuto>. Ver ainda o livro *Sobrevivendo nas redes - guia do cidadão* de ORTELADO, P. at

difundidas e pela técnica empregada, esses preceitos da propaganda neofascista ajudam a explicar a difusão do ódio, os surtos de violência e os delírios coletivos.¹¹

Para concluir, diante desse quadro tenebroso que se espalha pelo mundo, parece pertinente refletir acerca da suposta falência da política entendida como prática feita na transparência da esfera pública, ou seja, como prática persuasiva da argumentação racional que, no ambiente pós-metafísico, pretende salvar o sentido clássico e moderno que visa a verdade e o debate de idéias num meio social atravessado pelo ódio e pela mentira urdidas nas bolhas *online*. Parece pertinente pensar como, no campo da esquerda, novas estratégias ou táticas de luta política estão sendo forjadas e, ainda que possam ser incompatíveis, os trabalhos de Negri e Laclau continuam sendo inspiradores para esse espectro político, pois, ambos os autores visam ampliar a participação popular através da construção de práticas democráticas. Todo o problema é saber se o que preconizam é eficaz diante do ataque massivo dos robôs que orientam a multidão com seus algoritmos virtuais. Além disso, há certamente, no campo da esquerda, a velha e urgente questão da busca de unidade ou hegemonia em meio às fraturas dos movimentos que alimentam a luta verticalizada. Não por acaso, Chantal Mouffe insiste na idéia de um “populismo de esquerda” como alternativa à ameaça de um mundo “pós-democrático”. O curioso é que no campo oposto, capitaneado por Steve Bannon, também se fala em “populismo de direita” como “o futuro da política”¹². O grande

al. Ed. Fundação FHC e Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, São Paulo, 2018, Disponível em: http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Sobrevivendo_nas_redes.pdf

¹¹ Vale a pena citar aqui uma passagem certa de Domenach que, ainda nos anos sessenta do século passado, sem conhecer o alcance da *internet* e dos grupos de *watssap*, destacando apenas o uso do rádio, do cinema e da televisão, diz o seguinte: “tais técnicas entregam-lhes a história quotidiana do mundo, sem que as massas disponham de tempo e de meios para exercer um controle retrospectivo; agarram-nas por temor ou por esperança e atiram-nas ao combate. Massas modernas e meios de difusão originam uma coesão da opinião sem precedentes. Ph. de Félice (...) procurou mostrar que todos os povos e todas as épocas ofereceram sintomas de delírio coletivo. Outrora, contudo, tratava-se de súbitas e selvagens manifestações, de repentinas agitações que se extinguíam após algumas devastações; em nossos dias, a massa permanece em estado de cristalização latente e a neurose coletiva, embora suas formas mais desvairadas se conservem limitadas, atinge mais ou menos profunda, mas permanentemente, grande número de indivíduos: ‘Mesmo em pessoas aparentemente normais, não raro observamos acessos inquietantes de excitação e de depressão, de esquisitas alterações da lógica e, sobretudo, deficiência da vontade traduzida por singular plasticidade às sugestões de origem interior ou exterior’ [cf. Ph. DE Félice, *Foules en délire, extases collectives*] (DOMENACH, 2001, p. 21)

¹² Cf. A entrevista de Steve Bannon acerca do seu experimento político no Brasil e a idéia de que o populismo é o futuro da política. ESTADO DE SÃO PAULO. *Entrevista com Steve Banon. In: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,o-populismo-e-o-futuro-da-politica,70002724328>. Acessado em 18 de fevereiro de 2019.*

problema hoje é que o espaço onde se desenrola o imaginário social parece estar dominado pela intolerância, e a esquerda democrática, bastante envelhecida, se mostra apática e incapaz de construir símbolos de luta na era digital. Além disso, desde as manifestações de 2013 até o quadro político mais recente, o espectro ideológico à esquerda está fracionado. A esquerda esvaziou-se de seus símbolos e tem dificuldade em disputar com o desfile de ícones gigantescos, como patos amarelos, e outros gestos bizarros nos quais a multidão se deleita, mimetizando seu ódio. Frente a esses artificios, a velha retórica republicana da transparência e do diálogo no espaço público está sucumbindo, sobretudo quando os defensores da democracia se vêem diante de grupos políticos intolerantes e autoritários, que não apenas desejam a morte política dos adversários, mas também a sua completa aniquilação física. Entender como funciona e combater a *psicologia de massas do fascismo* é, portanto, tarefa urgente, seja qual for o lado que ocupemos na esfera política.

A força emotiva que permeia a multidão é mobilizada hoje em torno de um campo imaginário no qual emerge o Zé Ninguém de que fala Reich que, em seu discurso ameaçador, numa celebração entusiasmada e bestial da era da “pós-verdade”, louva o boato, assassina reputações, goza com a dor alheia, nega os afetos do amor e da alegria em suas diversas formas de expressão, renuncia à liberdade, à criatividade, à amizade, à esperança, ao humor, à alteridade, comportando-se de um modo grotescamente servil em relação às orientações do líder, a ponto de, sem questionar, se dispor ao sacrifício de direitos sociais duramente conquistados. Diante disso, dizem alguns, é preciso se agarrar com unhas e dentes ao que resta da democracia representativa, apesar de seus defeitos; outros afirmam, ao contrário, que esse esforço é inútil, pois estamos nos estertores de instituições falidas e carcomidas pela corrupção. Mas, se ainda vale a pena lutar pela civilização e pelo humanismo, talvez, antes de qualquer coisa, seja preciso reconquistar o imaginário social para mover afetivamente a sociedade numa direção que a afaste do ódio, denunciar a violência autoritária como a anti-política, voltar a produzir o encanto e a possibilidade de articular demandas comuns, e, como mostrou a escola de samba Mangueira no último carnaval, isso ainda pode ser feito com arte, resgatando a memória dos heróis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T: *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*. In: Ensaio sobre psicologia social e psicanálise. São Paulo: EdUnesp, 2015.
- ADORNO, T e HORKHEIMER, M. *La sociedade. lecciones de sociologia*. Buenos Aires: Editorial Proteo, 1969.
- ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ESTADO DE SÃO PAULO. *Entrevista com Steve Banon*. In: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,o-populismo-e-o-futuro-da-politica,70002724328>. Acessado em 18 de fevereiro de 2019.
- CARVALHO, F.L. *Política como a construção do povo versus o fenômeno das multidões como a morte da política: as perspectivas teóricas de Laclau e Negri*. Observatório Político, 2017. Disponível em: http://www.observatoriopolitico.pt/wp-content/uploads/2017/06/WP_72_FLC.pdf
- CAVA, B. *Entrevista com Bruno Cava* (Agosto de 2017) . In: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/570535-entrevista-especial-com-bruno-cava>. Acessado em 12 de janeiro de 2019.
- CAVA, B. *O Podemos, entre multidão e hegemonia, Negri ou Laclau?*. Lugar Comum (UFRJ), v. 18, p.05-14, 2015.
- DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. Tradução de Ciro T. Pádua. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1955. Também disponível em < http://cultvox.locaweb.com.br/livros_gratis/apropagandapolitica.pdf >. Acesso em 30/03/2001.
- FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- LACLAU, E. *A razão populista*. São Paulo: Três estrelas, 2013.
- LE BON, G. *Psicologia das multidões*. Ed. Delroux, 1980. Disponível em <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2016/03/le-bon-gustave-psicologia-das-multidc3b5es.pdf>
- LE BON, G. *Psychologie des foules*. Félix Alcan, 9ed. 1905.
- MOSCOVICI, S. *L'âges des foules: Un traité historique de psychologie de masses*. Les Éditions Complexe, Bruxelles: 1985, 503pp.

- MOUFFE, C. Entrevista com Chantal Mouffe (Dezembro de 2018) In:
<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584930-diante-do-avanco-do-populismo-de-direita-o-unico-caminho-e-desenvolver-um-populismo-de-esquerda-entrevista-com-chantal-mouffe>. Acessado em 12 de janeiro 2019.
- ORTELADO, P. et al. *Sobrevivendo nas redes guia do cidadão*. Ed. Fundação FHC e Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, São Paulo, 2018. Disponível em:
http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Sobrevivendo_nas_redes.pdf
- PEREIRA FILHO, A.J. *A política e o campo das aparências em Maquiavel e Vico*. Cadernos Espinosanos, n.35, São Paulo: 2015.
- NEGRI, A. *Para uma definição ontológica de multidão*. Lugar comum, n.19-20, p.15-26, 2009.
- NEGRI, A; HARDT. *O que é a Multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri*. Entrevista concedida a Nicholas Brown e Imre Szeman. In: Novos Estudos, CEBRAP, n.75, São Paulo, julho, 2006
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- RODRÍGUEZ, E. C. *¿Pueblo o Multitud? En Busca del Sujeto*. Revista Sul-Americana de Ciência Política, v. 3, n. 1, p.20-38. Pelotas: 2015.
- STERN, A.M *A Imaginação no Poder - Obediência política e servidão em Espinosa*. (tese de Doutorado), PUC-RJ, 2013.
- VIRNO, P. *Grammatica della moltitudine: per una analisi delle forme di vita contemporanee*, Rubettino Editore, Calabria, 2001,
- REZENDE, R. *Entre o povo e a multidão: uma análise das lutas contemporâneas*. In. Anais do Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social (2015). Pelotas: UFPEL, 2015. Disponível em < <http://wp.ufpel.edu.br/legadolaclau/files/2015/07/Artigo-GT3-REZENDE-Rafael.pdf> >.